

## A literatura de cordel como alerta social para prevenção do coronavírus

Wesley Jean Vaz (UEMG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como principal objetivo verificar de que forma a linguagem cordelista é utilizada para alertar a população sobre a COVID-19. Para tanto, utilizou-se um estudo bibliográfico sobre a história do cordel, sua linguagem e características. A metodologia compreende uma análise descritiva do cordel “coronavírus em cordel” do autor Orlando Paiva. Entre os resultados concluiu-se que o cordel enquanto gênero literário torna-se ferramenta para informar, prevenir e alertar a sociedade sobre os cuidados e prevenção à doença.

**Palavras-chave:** cordel; linguagem; covid-19; pandemia.

**Abstract:** This study has as main objective to verify how the cordelista language is used to alert the population about COVID-19. To this end, a bibliographic study on the history of the cordel, its language and characteristics was used. The methodology comprises a descriptive analysis of the cordel "coronavirus in cordel" by the author Orlando Paiva. Among the results, it was concluded that cordel as a literary genre becomes a tool to inform, prevent and alert society about the care and prevention of the disease.

**Keywords:** cord; language; Covid-19; pandemic.

### Introdução

Este estudo teve como principal objetivo verificar de que forma a linguagem cordelista é utilizada para alertar a população sobre a COVID-19. Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS), chamou atenção para um surto de casos de pneumonia ocorrido na cidade de Wuhan (China). Após muitos casos aparecerem, em fevereiro de 2020, foi identificado o vírus causador da doença.

Esse vírus inicialmente ganhou o nome de 2019-nCoV e, posteriormente, a doença provocada pelo SARS-CoV-2 que ficou conhecida como COVID-19 e, rapidamente, tornou-se um problema de saúde mundial, espalhou-se rapidamente, atingindo todos os continentes no mundo ainda nos primeiros meses de 2020. No dia 11 de março de 2020, o diretor da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, decretou a COVID-19 como uma pandemia mundial. Como forma de prevenção e conter o avanço da doença, a OMS decretou isolamento social no mundo inteiro, assim, várias cidades suspenderam todos os eventos que configuravam aglomerações, além de fecharem suas fronteiras. No Brasil, até 17 de março de 2020, apenas medidas de distanciamento social tinham sido adotadas para

---

<sup>1</sup> Graduado pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Divinópolis – MG. E-mail: wesley\_jev5@hotmail.com/wesleyvaz\_5@yahoo.com

prevenir que a doença avançasse pelo território. É diante desse cenário que o cordel como fonte de informação e valor social pode ser utilizado como ferramenta de alerta para a população, sobre a nova onda da pandemia mundial. Pois, podemos considerar o cordel como um fenômeno literário que pode ser atribuído a vários fatores sociais.

Quando se fala em cordel, muitas vezes, remetemos à lembrança de um cordão esticado com poesias escritas e penduradas como forma de expressão. Mas vai além dessa característica, seu processo histórico no Brasil revela tradições seculares, conservação social e a valorização cultural que agrega a criação, a realidade e a tradição de pensamentos. Nesse sentido, este estudo ganha relevância devido à importância do cordel no Brasil e por atribuir valores expressivos, populares, informativos, sociais, etc.

A literatura de cordel, gênero popular da Região Nordeste, também é utilizada como meio de divulgação das medidas de enfrentamento ao coronavírus (Covid-19). O escritor e cordelista Orlando Paiva preparou um texto para alertar a população sobre os cuidados e prevenção contra a doença. Para a apresentação dos resultados desta pesquisa de cunho qualitativo, o artigo está dividido da seguinte maneira: após esta introdução, apresentamos o referencial teórico e literário, discutindo a literatura e a linguagem cordelista. Na sequência, detalhamos brevemente a metodologia do trabalho junto a análise descritiva do cordel, “Coronavírus em Cordel” do poeta cordelista, Orlando Paiva.

## **1. O cordel e seu processo histórico**

O processo do cordel como fonte de cultura se iniciou na Europa e não há precisão da data de sua origem. Segundo Nogueira (2009), havia manifestações dessa literatura popular no ocidente por volta do século XII no sul da França, onde os peregrinos se encontravam em direção à Palestina no norte da Itália, para chegar a Roma e ainda na Galícia no Santuário de Santiago. Segundo o autor, nesses encontros eram transmitidos os primeiros versos compostos de forma muito primitiva. Essas histórias seguiam acompanhadas de instrumentos musicais. Dessa forma, espalharam-se pela Europa e, posteriormente, pela América.

Santana e Batista (2007) afirmam que o cordel iniciou na Europa no século XVII e por ter uma forma editorial de baixo custo atingia várias classes tornando-

se acessível à grande parte da população. Já Teixeira (2008) afirma que há indícios de várias formas dessa literatura, em vários locais do mundo, dos tempos da Grécia Antiga, passando pela Idade Média até chegar à contemporaneidade.

Diante dessa imprecisão histórica, o fato é que o cordel está ligado a várias formas de manifestações orais e escritas. Nessa perspectiva, Evaristo (2001) afirma que a história do cordel está associada à tradição medieval, em que a atividade de contar histórias em uma comunidade estava presente. De acordo com o autor, um narrador anônimo contava suas experiências e, assim, transmitia um ensinamento moral, um provérbio, uma sugestão prática, uma norma de vida.

Para contextualizar essa explicação, a autora exemplifica que o camponês e o marinheiro eram contadores por excelência: um porque detinha o conhecimento das tradições de seu lugar e outro porque o adquire através das constantes viagens realizadas. Posteriormente, o artesão assumiu essa função, aperfeiçoando-a, na medida em que seu contexto possibilita, ao mestre, o conhecimento profundo das tradições de sua região, e ao aprendiz migrante, as experiências trazidas dos lugares por onde passara.

Alguns pesquisadores acreditam que o cordel chegou ao Brasil na primeira metade do século XVI se difundindo principalmente no Nordeste e depois disseminando para outras regiões.

[...] o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares; (Barroso, 2006, p. 22 apud Teixeira, 2008, p. 12).

O ápice da literatura de cordel no Brasil se deu nas décadas de 1930 e 1940. Os folhetos eram uma espécie de lazer e informação, que socializavam as pessoas que se uniam para ouvi-los. No entanto, os intelectuais passam a nomear a literatura de cordel os folhetos escritos por volta de 1960 - 1970, associando o nome à poesia similar ao cordel de Portugal (Teixeira, 2008). Mas esse tipo de literatura era conhecido anteriormente, como livrinhos de feira, ou livretos, ou ainda pelos cordelistas, “folhetos”. Cordel origina-se da palavra “cordão”, pois

essa prática dos folhetos pendurados em cordões para serem vendidos movimentavam as feiras.

Diegues Júnior (1977) apud Teixeira (2008) fala da importância do cordel na divulgação das notícias, pois era um instrumento de comunicação mais rápido já que à época, veículos como o rádio eram raros e jornais impressos eram levados dos grandes centros para o interior com muito atraso. Assim, esses folhetos se tornaram o meio mais eficaz e expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, e nos serões familiares.

Segundo Meyer (1980), essa atividade literária adquiriu características próprias, muito provavelmente pelas condições da região nordestina, que fazem dela, até hoje, um meio rico em manifestações culturais populares. Reintroduzindo a denominação portuguesa, os estudiosos chamaram essa literatura popular em versos de literatura de cordel. Mas, seus produtores e consumidores nordestinos chamam-na simplesmente de folhetos. O público apreciador dessa literatura é geralmente constituído pelas camadas urbanas; mas há também leitores de classes mais elevadas que a admiram. “E já foram comprovados casos de pessoas que aprenderam a ler e a escrever com folhetos de cordel” (Meyer, 1980, p. 03).

De acordo com Silva (2016), o cordel se solidificou como uma manifestação literária oral e escrita por todo o Brasil, proveniente do território da Península Ibérica. “[...] o improviso dos repentistas nordestinos e a Literatura de Cordel formam exemplos muito curiosos entre a oralidade e escrita numa mesma tradição” (Silva, 2016, p.17). O autor explica que a literatura de cordel vem de Portugal pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante que eram expostos e vendidos nas casas. “[...] a presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam estes romances a ser divulgado, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens” (Proença, 1977 apud Silva, 2016, p. 18).

Diante de seu papel histórico e sua forte presença na região nordeste do país, o cordel teve uma grande relevância no cenário rural. Para Curran (1998), o cordel cumpre uma função folclórico-popular reportando eventos na sua própria comunidade e região, opinando sobre ele e levando para o consumidor local as mensagens de uma cultura nacional recodificada. “A cosmovisão essencial do cordel mostra quase total identificação com as crenças e os valores dos

nordestinos pobre e humilde, mesmo que radicado numa cidade costeira da região no Centro-sul do país (Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo) ou em Brasília” (Curran, 1998, p.18).

Corroborando com Curran (1998), Evaristo (2001) afirma que, nas últimas décadas, entretanto, os estados do sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, firmaram - se também como pólos de concentração de produção, devido às correntes migratórias. “Em São Paulo, por exemplo, são nos bairros que abrigam maior número de migrantes nordestinos – Brás, Centro, São Miguel Paulista e a Zona Leste, de maneira geral – que se pode encontrar os vendedores dos folhetos, cantadores e autores” (Evaristo, 2001, p.121).

É diante desse cenário, no entanto, que o cordel passa por um declínio em seu processo histórico. Meyer (1980) explica que entre 1960 e 1970 há uma crise cordelista. Um dos fatores é de ordem econômica. A inflação nacional encarece o material tipográfico – e, por conseguinte, o custo do folheto -, como também resulta na perda quase total do poder aquisitivo do comprador popular. Outro fator é que a televisão, naquela época, não atingia toda massa da população carente – grande consumidora do cordel. Há ainda, outros elementos que explicariam a crise, como a autocensura que se impõe ao poeta, e os impostos a serem pagos pelo espaço ocupado pelos folheteiros. Em contrapartida, na década de 70, a produção cordelista volta a ganhar forças – enquanto gênero literário -- com grande interesse do público universitário, tanto brasileiro quanto estrangeiro. Assim, poetas reencontram motivações para produzirem seus cordéis.

Sobre o cordel podemos considerá-lo como um fenômeno literário que pode ser atribuído a vários fatores sociais. Quando se fala em cordel, muitas vezes, remetemos à lembrança de um cordão esticado com poesias escritas e penduradas como forma de expressão. Mas vai além dessa característica, seu processo histórico no Brasil revela tradições seculares, conservação social e a valorização cultural que agrega a criação, a realidade e a tradição de pensamentos. Nesse sentido, este estudo ganha relevância devido à importância do cordel no Brasil e por atribuir valores expressivos, populares e informativos.

## **2. A linguagem cordelista**

Ao chegar ao Brasil, a literatura de cordel é caracterizada pelo seu regionalismo, (re)configurando-se a uma expressão popular e resultando-se a interação coletiva. Segundo Fonseca, Alves e Cavalcante (2010) ela une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. Os autores explicam que ao ser apresentado na versão impressa da poesia popular, o cordel é transportado com maior facilidade tornando-se capaz de propagar os acontecimentos sociais. Assim, o cordelista torna-se o porta-voz do povo, pois “conta a vida de personagens ilustres, analisa as notícias, faz crítica social, divulga ideias” (Fonseca; Alves; Cavalcante, 2010, p.1). Um dos fatores mais enfatizados são as relações sociais, que apresentam a realidade dos sertanejos de modo caricato, ou seja, concebidos por meio de estereótipos como nordestinos magros, pequenos, amarelos e frágeis devido aos fenômenos da seca, bem como cangaceiros que tiveram suas famílias destruídas pela ganância dos coronéis e fanáticos religiosos, romeiros que pagam promessas torturantes (Fonseca; Alves; Cavalcante, 2010).

Nesse contexto, o papel do cordelista torna-se importante uma vez que, conta as lamentações do povo por meio do humor e da cantoria. Desse modo diferencia-se dos cordéis ibéricos na forma da poesia, pois apresentam estrofes com melodias e ritmo imitando a oralidade. “O folheto literário seria um registro impresso da poesia recitada pelos poetas populares, que memorizam as estrofes e as dizem em rodas de cantoria. A voz é a via primeira do cordel” (Fonseca; Alves; Cavalcante, 2010, p.3).

Com relação às normas de metrificação e rimas, Teixeira (2008) explica que, existem 36 modalidades dessa poesia, no entanto, a autora destaca apenas quatro modalidades que são mais recorrentes. A primeira é a *Sextilha*, uma estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis versos de sete sílabas. “Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos” (Teixeira, 2008, p.18). A segunda é a *Septilha*, também conhecida como Sete Linhas ou Sete Pés, um estilo que rima os versos pares até o quarto, como na Sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto. A terceira é a *Décima*, uma estrofe ou estância de dez versos de sete sílabas, que são distribuídos da seguinte forma: “o primeiro, rima com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono” (Teixeira, 2008, p.19). Já a quarta denomina-se como *Martelo Agalopado*,

que apresenta uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos versos da Décima.

Com relação aos temas e gêneros da literatura de cordel, Evaristo (2001) afirma que se podem encontrar as pelejas, os romances históricos e de aventuras, as histórias de amor, ou ainda as narrativas de acontecimentos sensacionais, atuais, da época. Há também uma classificação dos textos de acordo com o número de páginas: o romance (24, 32, 48 ou 64), o folheto (08,16 ou 04) e a folha volante (avulsa). As histórias ainda podem ter diversas fontes: invenção do autor, folclóricas, originária dos poetas que as versificam.

De acordo com Evaristo (2001), um dos recursos utilizados pelos poetas em seus livretes, na tentativa de assegurar o direito de autoria, são os acrósticos. Ou seja, a última estrofe na narrativa apresenta essa forma com o nome do autor do texto. Outra característica é o esquema folhetinesco, presente também nas novelas televisivas em que no final da narrativa, o poeta convida o leitor para dar continuidade à história na forma de outro livrete, que acaba se tornando mais um capítulo de determinado personagem célebre.

Uma das diferenças entre o cordel Ibérico e o Brasileiro são as xilogravuras, ilustrações feitas por figuras gravadas em madeira, nas capas dos folhetos. Ela tem como grande vantagem a criação e impressão, feitas pelo próprio povo. A xilogravura por ser um processo de impressão de baixo custo, permite a produção de cordéis com linguagem clara, cotidiana e tom humorístico, ricos em rimas. Nogueira (2009) explica que, desse modo, preza a função poética podendo ser falado ou cantado com instrumentos musicais e a presença de uma plateia. Com isso, mostra o valor da mediação com o outro, a oralidade e a memorização, que tratam geralmente de assuntos pertinentes à realidade vivida pelos espectadores e remetendo-nos ao conhecimento de outros contextos históricos. Assim, “[...] não há limites para a criação e delimitação desses temas podendo inclusive tratar de assuntos religiosos e lendas” (Nogueira, 2009, p.06). Outra característica importante é que os cordéis possuem em suas páginas uma produção artística que agrega valores e costumes facilitando a identidade regional, assim, são capazes de contribuir para a invenção de tradições (Fonseca; Alves; Cavalcante, 2010). Justamente pelo fato de apresentar valores identitários, a composição do cordel, refletida no cotidiano, aproxima quem o produz de quem o lê e ambos são

representados pelos sentimentos dos personagens. E isso faz com que prenda a atenção de quem lê um cordel.

### 3. Coronavírus em cordel: análise

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, por ser um estudo de compreensão de ações de um objeto estudado e também representações de significados. Conforme explica Silva e Menezes (2005), a intenção da pesquisa qualitativa não é a utilização de dados numéricos, mas o estudo de um fenômeno. “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (Silva; Menezes, 2005, p.20).

Contudo, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a literatura de cordel, sua chegada ao Brasil, suas características, linguagem, funções e sua importância na cultura brasileira. Sobre a análise, a seguir, gostaríamos de destacar que a poesia apresenta 14 estrofes e segue normas de metrificação e rimas categorizadas como sextilha (Teixeira, 2008).

Diante das várias possibilidades, optamos por trazer para análise o cordel Coronavírus em Cordel, de Orlando Paiva<sup>2</sup>, por entendermos tratar-se de um cordel que pode bem representar os nossos objetivos de pesquisa. No entanto, trazemos apenas algumas estrofes por acreditarmos que são suficientes para atingir os nossos objetivos de pesquisa.

O mundo em desespero  
Pânico para todo lado.  
Um vírus está deixando  
O planeta infectado.  
O assunto virou manchete  
Deixou o povo assustado.

Ao iniciar seu cordel, percebemos que o poeta Orlando Paiva, descreve a situação mundial na tentativa de informar e ao mesmo tempo alertar o seu leitor. Entendemos que há um desespero do autor em seu discurso quanto ao relato da doença que está deixando o mundo inteiro em pânico. Notamos que nessa

---

<sup>2</sup> Nascido no estado do Piauí, Orlando Paiva, tem 42 anos e é cordelista.



primeira estrofe do poema, o autor utiliza a sua preocupação para descrever a atual situação social.

Essa pandemia é  
Espécie de assombração,  
Que tirando o nosso sono,  
Parecendo obra do “cão”.  
Mas nós vamos combater  
Deus é nossa proteção.

Ao fazer uma leitura mais atenta, percebemos que o cordelista além de informar a sociedade sobre o problema social, utiliza-se de termos que deixam subentendido o sentido da estrofe, ou seja, o autor trabalha com o jogo de palavras e seus sentidos. Ao dizer que a pandemia é parecida com obra do cão, entendemos que a palavra *cão* está associada ao mal, como coisa ruim e leva ao leitor a entender que é uma situação preocupante ou até mesmo sem solução, que não há uma saída. Assim, ao mesmo tempo o autor faz um contraposto ao dizer que “mas nós vamos combater, Deus é nossa proteção”. Entendemos que nessa estrofe, o cordelista deixa seu leitor mais aliviado e até mesmo mais confiante, pois, se Deus é a proteção, não precisamos perder a esperança.

O vírus se espalha em  
Espirro e tosse no ar.  
Por gotículas expelidas  
Ou pela boca ao falar.  
Mas também pelo contato  
De uma mão ao apertar.

O gesto de cumprimento  
Que é bastante conhecido,  
É preciso evitarmos,  
Cada um bem precavido.  
O famoso aperto de mão  
Está hoje proibido.

Os beijos e os abraços  
Símbolos de uma paixão,  
São as outras duas formas  
Também de transmissão.  
Lugares não higienizados  
Evite passar a mão.

Paiva utiliza os versos de seu cordel como forma de interação e alerta, ao mesmo tempo explica como ocorre a forma do contágio da doença, perigo iminente, dando dicas simples e importantes, em acordo com as recomendações da OMS de

como diminuir o contágio excessivo, evitando ao máximo o contato físico. Para isso, faz um apelo à população e ao bom senso das pessoas, no sentido de que elas se conscientizem do problema mundial, procurando se precaver.

Os sintomas da doença  
O povo tem que saber.  
Tosse seca ou secreção  
Isso pode acontecer.  
Febre muito elevada  
O infectado pode ter.

Problema respiratório,  
Insuficiência renal;  
São esses e outros problemas  
Causados por esse mal,  
Chamado coronavírus  
Que é temor mundial.

Ainda não tem vacina  
Para esse tratamento.  
Se o sintoma aparecer  
Procure atendimento,  
Desta forma evitará  
Um maior sofrimento.

O cordel de Paiva é composto por 14 estrofes de puro conhecimento popular, observamos nos versos deste cordel a relação entre narrador e o seu público, em que o poeta, com uma vasta capacidade de síntese, consegue realizar o papel da informação, levando para a sociedade a importante mensagem relativa à prevenção da pandemia mundial. Portanto, o poeta informa o leitor sobre alguns sintomas causados pela pandemia e destaca a situação da cura, alertando que não há uma vacina para o tratamento. Desse modo, o cordelista esclarece o leitor de qual (is) procedimento (s) deve(m) ser tomado se caso os sintomas aparecerem.

A partir da análise descritiva do cordel de Orlando Paiva, podemos tecer alguns apontamentos de acordo com o referencial teórico construído no início do artigo. Ao mesmo tempo, procuramos estabelecer uma correlação entre o objeto de estudo e o problema mundial enfrentado.

Como podemos observar, o cordel funciona como um processo de mediação entre a literatura cordelista, o problema mundial e a sociedade. Através dessa perspectiva, Fonseca (2010); Alves (2010) e Cavalcante (2010) acrescentam que, os valores e os costumes facilitam a identidade regional, e, assim, são capazes de contribuir para a invenção de tradições. É nessa linha de pensamento que Nogueira (2009) contribui dizendo que, o cordel mostra o valor da mediação com o outro, a oralidade e a memorização. Conforme percebemos na análise, no

momento em que o poeta utiliza seu discurso literário para informar, alerta a população de uma pandemia mundial, causada por um vírus.

#### 4. Considerações finais

O cordel como fonte de informação tem um papel fundamental tanto no meio social quanto no universo literário. Diante dos problemas atuais, ocasionados pela pandemia do coronavírus, entendemos que a informação se torna um caminho de prevenção e alerta. Nesse contexto, o cordel de Paiva se torna um porta-voz ao ser utilizado como ferramenta para informar a sociedade. Entre uma temática e outra a que o cordel se atribui, o autor deixa claro seu compromisso com a sociedade.

É nesse contexto que enfatizamos a ideia da construção deste trabalho, e por entendermos a situação atual, surgiu a necessidade de realizarmos um estudo onde contribuiríamos no aspecto do fazer pesquisa e ao mesmo tempo destacaríamos um assunto atual. Sabendo do grande papel da literatura de cordel e do grande impacto mundial que a pandemia COVID-19 teve, foi nesse aspecto que surgiu a junção do cordel e coronavírus, como pesquisa.

Nos dias de hoje, Teixeira (2008) explica que, já não se faz mais o cordel tradicional, com suas histórias românticas, épicas e cheias de fantasias. A autora atribui ao fato de que meios de comunicação, em especial às novelas televisivas, terem tomado o seu lugar. “O hábito de reunir as pessoas nas casas para ouvir os romances sem folhetos foi se perdendo” (Teixeira, 2008, p.22).

Dessa forma os poetas passaram a se inspirar em fatos que estão na mídia e se informarem por jornais, TV, rádio etc. Assim, produzem seus folhetos que trazem uma grande bagagem noticiosa, na forma de poesia de cordel e com grande participação do autor, que ao todo tempo dá sua opinião sobre aquele acontecimento. “Esse cordel influenciado pela mídia pode encaixar os cordelistas como cronistas populares da contemporaneidade” (Teixeira, 2008, p.23).

Esperamos ter conseguido mostrar a importância do cordel de Orlando Paiva, como ferramenta de alerta para a população diante da pandemia mundial. Sabemos que este breve estudo relacionado ao Cordel e a sua importância como alerta para a sociedade não esgota as inúmeras possibilidades de estudo, também não temos essa pretensão. O nosso

intuito é lançar luz para um fenômeno linguístico literário que, a nosso ver, pode e deve ser objeto de vários estudos, mais especificamente em termos linguísticos.

## Referências

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (org.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho; ALVES, Maria Herbênya Nayara; CAVALCANTE, Andréa Pinheiro Paiva. Audio/voz: uma ferramenta online como recurso para a oralidade do cibercordel. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0239-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MEYER, Marlyse. **Autores de Cordel: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NOGUEIRA, Angela Maciel. **Origem e características da literatura de cordel**. 2009. 16f. Artigo (Licenciatura Plena em Letras/Inglês) – Faculdades Integradas de Ariquemes, Ariquemes, 2009.

PAIVA, Orlando. **Coronavírus em Cordel**, Recanto das Letras, Porto – PI, 2020. Disponível em: <https://recantodasletras.com.br/cordel/6889571>. Acesso em: 24 nov.2020.

SANTANA, Bruna; BATISTA, Raimunda. **Literatura de cordel: interdisciplinaridade em sala de aula**, Revista Boitatá, Londrina-PR, V.02, N.04, p. 01-08, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30892/21749>. Acesso em: 27 out.2019.

SILVA, José Nogueira da. **Literatura de Cordel: hibridismo e carnavalização em Leandro Gomes de Barros**. 2016. 160f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, Edna; MENEZES, Estera. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. 2008. 44f. Monografia de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.